Pontos de Interrogação
Revista de Crítica Cultural

BY-SA

ISSN: 2237-9681
Recebido: 20/11/2023
Aprovado: 15/12/2023
10.30620/pdi.v13n2.p137

A MEDIAÇÃO DA LEITURA DE CONTOS DE SUSPENSE DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Ricardo Araújo Almeida Santana
Carlos Magno Gomes

Resumo: Este artigo traz uma proposta de mediação de leitura literária com contos de suspense de Lygia Fagundes Telles. Na primeira fase, a mediação é organizada com base na perspectiva da "leitura subjetiva", de Annie Rouxel (2013), que propõe a valorização da espontaneidade do leitor; na segunda, ressaltamos as pistas do texto para a construção de uma interpretação, levando conta observações de Umberto Eco (2011); já na fase final da roda de leitura, passamos a explorar questões identitárias, levando em conta o "modelo cultural de leitura", de Carlos Gomes (2012). Além dessas estratégias, seguimos os procedimentos sugeridos por Rildo Cosson acerca das leituras compartilhadas (2020). O processo de mediação ampliou o horizonte de expectativa dos participantes, promovendo um debate sobre as diferentes formas de opressão feminina ainda presentes em nossa sociedade.

Palavras-chave: Leitura literária. Contos de suspense. Violência contra a mulher. Lygia Fagundes Telles.

MEDIATION OF READING FROM SUSPENSE SHORT STORIES BY LYGIA FAGUNDES TELLES

Abstract: This article proposes a mediation of literary reading with suspense stories by Lygia Fagundes Telles. In the first phase, mediation is organized based on the perspective of "subjective reading", by Annie Rouxel (2018), which proposes valuing the reader's spontaneity; in the second, we highlight the clues in the text for the construction of an interpretation, taking into account observations by Umberto Eco (2011); already in the final phase of the reading session, we started to explore identity issues, considering the "cultural model of reading", by Carlos Gomes (2012). In addition to these strategies, we followed the procedures suggested by Rildo Cosson regarding shared readings (2020). The mediation process broadened the horizon of expectations of the participants, promoting a debate on the different forms of female oppression still present in our society.

Keywords: Literary reading. Suspense stories. Violence against women. Lygia Fagundes Telles.

Introdução

O presente artigo traz diferentes etapas de uma pesquisa realizada em sala de aula a partir do planejamento e aplicação de rodas de leitura de contos de suspense de Lygia Fagundes Telles. Esta proposta é subsidiada pelas abordagens que tanto valorizam a espontaneidade do leitor, quanto exploram as pistas textuais deixadas pela autora, além de propor uma reflexão com a identificação da temática da violência de gênero. Como preconiza a BNCC, o discente deve ampliar seu repertório de experiências diante das práticas de leitura (2017, p. 75). Por esta perspectiva, optamos por um recorte que passa pela abordagem estética do texto de suspense até chegarmos às marcações da violência contra a mulher, demonstrando como a leitura literária no espaço escolar pode suscitar debates importantes acerca dos direitos humanos, e, em especial, dos direitos da mulher.

Com esse intuito, queremos resgatar tanto o gosto pela leitura, como despertar a formação de um cidadão crítico, por isso articulamos diferentes estratégias de acesso ao texto literário para promovermos rodas de leitura dinâmicas e interativas, a fim de ampliar o repertório literário do aluno. Partindo de um escola situada na zona rural de Cícero Dantas, município da Bahia, elaboramos rodas de leitura dos contos "As formigas", publicado na obra *Seminário dos ratos* (1977), que conta a história de duas amigas – primas e universitárias – que se mudam para uma pensão e se sentem perseguidas pelo esqueleto de um anão; e "Venha ver o pôr do sol", publicado na obra *Antes do baile do verde* (1970), que descreve a sinistra vingança de um homem que aprisiona a ex-companheira em um cemitério abandonado[1].

Essas narrativas prendem a nossa atenção tanto pelos temas, como pela linguagem instigante, instaurada pela atmosfera de medo e ansiedade que se estende até o final da narrativa: "O medo se intensifica à medida que o espaço narrativo vai paulatinamente construindo a atmosfera sufocante que esta-

[1] Esta pesquisa foi realizada durante o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), na Unidade de Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe entre 2021 e 2023. Para este artigo, daremos destaque para as oficinas sobre o conto de suspense e a violência de gênero a partir da leitura de "As formigas" e "Venha ver o pôr do sol".

belece o elo entre texto e leitor, desencadeando sensações de suspense e terror" (PRAXEDES, 2010, p. 13).

Dividimos nossa roda de leitura em três momentos a fim de romper com as abordagens prontas, pois acreditamos em leituras atualizadas pelos valores da comunidade interpretativa, rompendo com a "tendência na cultura escolar de reter determinados conteúdos e abordagens como se fossem naturais e próprios da escola" (REZENDE, 2021, p. 51). Para tanto, exploramos aspectos do modelo cultural de leitura que valoriza a prática de atualização dos sentidos do texto, por meio do questionamento de valores morais. Nesse processo, o papel de mediação do professor é fundamental para a ampliação do horizonte do leitor, conforme Gomes: "o professor de língua portuguesa deve partir das tensões que envolvem a "política das identidades", visto que o espaço do outro é uma premissa de uma educação pós-moderna em que as diferenças culturais e políticas devem ser explicitadas" (2012, p. 170).

Na continuidade, passaremos a comentar como estruturamos teoricamente as etapas das da roda de leitura a partir das concepções da formação do leitor.

Abordagem teórica da roda de leitura

O ensino de literatura, por meio de rodas de leitura, é uma estratégia para despertar a liberdade de dar sentido aos textos, visando "engajar os alunos na aventura interpretativa, com seus riscos, suas instabilidades, suas contradições, suas surpresas, suas descobertas, mas também seus sucessos." (ROUXEL, 2014, p. 21). Com isso, pensamos em dinamizar as leituras, deixando de lado as atividades pré-elaboradas por manuais, e viver mais plenamente o texto literário. Nessa direção, optamos por leituras compartilhadas, em que o diálogo dos participantes é o forte, que pode ser "com os colegas da turma, com os colegas e o professor, com a turma, o professor e outros leitores externos que são a crítica, a história, outros textos que também dialogaram como aquele" (COSSON, 2020b, p. 18), não ficando preso apenas a esquemas ultrapassados de exercícios e aprofundando a leitura da obra.

Assim, nossa roda de leitura busca promover o gosto pela leitura compartilhada de problemas sociais, por isso pensamos em práticas de letramentos para despertar a pluralidade do ato de leitura. Esse gosto por ser direcionado pela curiosidade da descoberta de novos sentidos e de novas linguagens sem cair nas abordagens moralizantes, pois "a escola precisa, sem perder o seu lugar formativo, acompanhar e atender as demandas do século XXI, visto que o estudante contemporâneo apresenta, mesmo que de forma tímida, um olhar mais aguçado para a realidade que o cerca" (CRUZ, 2019, p. 53).

Nesse sentido, a leitura compartilhada mostrou-se fundamental para a realização dessa pesquisa, pois trouxe um engajamento maior dos discentes durante a prática das oficinas de leitura literária, envolvendo os alunos de forma individual e coletiva em sala de aula. Mesmo diante de uma turma heterogênea, com opiniões e culturas diferentes, compartilhar "a leitura literária significa colocar em discussão emoções, impressões, pressuposições e questionamentos quanto mais autênticos mais valiosos no diálogo com o texto literário." (COSSON, 2020b, p. 19).

A espontaneidade do leitor é fundamental para a leitura subjetiva, pois mostra que "o investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular" (ROUXEL, 2012, p. 278). O discente precisa fazer parte do processo de leitura, de forma conjunta com o texto e as colaborações do mediador e de seus colegas. A partir do método da leitura compartilhada de Cosson, planejamos primeiramente o encontro do leitor com a obra, depois a troca de experiências com os colegas, e, juntamente, com mediador, propor uma interpretação coletiva do texto lido. Nesse processo, foram explorados diversos recursos como referência a outros leitores da obra, a outras obras da autora, entre tantos outros, pois, "o aluno aprende a fazer fazendo, isto é, que ele constrói pela prática o seu conhecimento (técnica da oficina)" (COSSON, 2020b, p. 20).

No primeiro momento, o da leitura subjetiva, demos destaque ao laço especial entre a literatura e as experiências do leitor. É neste processo dinâmico, entrelaçado de trocas, que a leitura ganha sentidos. Conforme a sala de aula e a realidade de cada comunidade de leitores, dentro da escola, o professor

poderá trabalhar com protocolos de leituras que revelam a melhor abordagem para os sujeitos leitores, "a subjetividade do leitor é fonte de uma mistura criativa que se multiplica a obra inicial, que se insere em uma gama de variações cuja paleta de cores pode ir tanto do degradê quanto do buquê contrastado" (ROUXEL, 2018, p. 21).

Para o segundo momento, ficamos atentos ao roteiro de leitura do texto lido e do resgate dos horizontes culturais já sedimentados de um texto. Por isso, no processo de leitura do texto, convidamos o leitor a preencher os espaços em branco deixados pelo texto. Como nos diz Eco, o texto literário está cheio de "não-ditos", de fissuras que precisam ser completadas pelo leitor: "em outros termos, um texto é emitido por alguém que o atualize – embora não se espere (ou não se queira) que esse alguém exista concreta ou empiricamente." (ECO, 2011, p. 37). As pistas dadas pelo texto são fundamentais para ampliarmos a leitura espontânea feita no primeiro momento. Nessa fase, escolhemos as chaves de leitura relacionadas às estratégias de suspense que os textos carregam como descreveremos adiante. Esse segundo momento, não perde de vista as contribuições do primeiro momento, pois o leitor "vive na leitura uma experiência que afeta, que se trate de adesão ou de hostilidade" (ROUXEL, 2018, p. 20).

Para a terceira etapa da roda de leitura, vamos partir das pistas do suspense para abordar a violência contra a mulher, isso é, convidamos o leitor a comparar as ações das personagens com fatos de sua realidade. Para tanto, vamos explorar o "modelo cultural de leitura", para mediar a atualização dos sentidos do texto no contexto atual. Essa proposta é articulada por uma pedagogia intercultural de leitura, na qual a mediação da leitura é abordada por meio de recortes identitários e das questões sociais. Para finalizar a roda de leitura, pensamos em uma pedagogia voltada para o outro, pois "valoriza a alteridade e as diferenças identitárias em suas diferentes interfaces de classe, de raça, ou de gênero, de sexualidade etc." (GOMES, 2012, p. 168).

Nosso objetivo é ir além das fichas de leituras e da historiografia literária para valorizar como as identidades de gênero estão representadas no texto literário. Assim, o terceiro momento está voltado para ampliar o horizonte da cultura do leitor, a partir do debate sobre a violência contra a mulher, pois

estamos interessados também em promover uma formação de leitores/as críticos/as e capazes de questionar estratégias assédio e violência contra a mulher. Assim, nesta etapa, a proposta é promover reflexões sobre os diálogos entre o texto e a atualidade, já que "a produção da obra responde a um horizonte sociocultural, que pode confirmar ou, ao contrário, transgredir as expectativas de uma época, também a recepção da obra se encontra dentro dos contornos desse universo de época" (REZENDE, 2021, p. 53).

Portanto, nossas rodas de leitura foram atravessadas por questões subjetivas e sociais, passando pelas contribuições iniciais dos participantes, pelo estudo das pistas do texto até ancorarmos no contexto atual.

Na continuidade, descrevemos como foram as rodas de leitura para fazer um levantamento do processo de mediação.

Projeto de intervenção e análise dos dados

Como informado na apresentação deste artigo, estas oficinas foram realizadas em uma escola da Educação Básica do município de Cícero Dantas-BA, localizada em um dos povoados do município. Desde sua fundação, em 1997, a escola oferece o ensino fundamental I e a partir de 2003 passou a oferecer o ensino fundamental II, em razão da demanda resultante do crescimento da comunidade e das localidades circunvizinhas, o que acarretou também a implantação da creche e da pré-escola, etapas da educação infantil.

Atualmente, a escola mencionada atende às comunidades rurais de suas imediações, de modo que 100% de seu alunado reside no campo. A turma do nono ano, com 12 anos, fora selecionada para participar deste projeto de roda de leituras compartilhadas. A turma tinha iniciado o ano com 12 ou alunos, mas dois alunos foram remanejados para o EJA, pela defasagem idade/série e outros dois foram estudar na sede do município de Cícero Dantas. O grupo de participantes das rodas de leitura era composto por cinco meninas e três meninos, com idades que variam entre 14 e 16 anos, todos com boa decodificação de palavras, embora com níveis diferentes de letramento.

Da primeira roda de leitura do conto "As formigas", queremos destacar a conversa espontânea que tivemos. Nessa etapa, foi indagado aos discentes se eles já haviam lido algum conto de terror e/ou suspense, e o que essas palavras significavam para eles. A maioria respondeu não lembrar de outro conto de mesmo estilo, mas que gostavam de filmes e séries com histórias de terror e suspense. Ainda nesse primeiro momento, conversamos sobre histórias com personagens animais, especificamente formigas e/ou insetos; logo foram mencionadas as fábulas, entre elas a *A cigarra e a formiga* e o filme *Vida de insetos*. Essas conversas preliminares foram importantes para irmos costurando o universo de mistério que ronda o texto de Telles. Os participantes falaram espontaneamente de suas primeiras impressões sobre o conto, destacando o ambiente sujo e sombrio da narrativa.

Após os comentários citados, partimos para a fase de leitura mediada, comentando os detalhes do gênero de suspense. Retomamos as marcas desse tipo de texto e enfatizamos os detalhes do conto de Telles que abriam espaço para duplas interpretações. Para isso, retomamos a leitura detalhada de alguns trechos realizada em círculo e em voz alta, iniciada pelo professor e depois compartilhada por todos os alunos, fazendo algumas pausas durante a leitura, para tirar dúvidas sobre alguma palavra ou expressão, bem como contextualizar alguns aspectos desconhecidos dos alunos. Essa estratégia de ler e apontar os detalhes do conto de suspense foi eficiente, pois instigou todos a ficarem concentrados na mesma leitura e nos detalhes que iam sendo apontados ou nas dúvidas que iam surgindo.

No geral, a leitura compartilhada foi bem produtiva. Os alunos gostaram bastante do texto, afirmando que realmente se tratava de uma história de suspense e mistério. A turma demonstrou ainda certa timidez em participar de forma oral, nessa primeira roda de leitura. Antes de distribuir a atividade escrita, lemos uma pequena biografia da autora Lygia Fagundes Telles, sendo reforçado que todos os demais textos que leríamos seriam daquela autora.

Por ter sido uma conversa mais aberta e voltada para o exercício da espontaneidade, essa oficina foi bem produtiva, pois tornou-se um momento prazeroso. Maria de Fátima Cruz tem destacado o quanto essas estratégias

contribuem para renovar o ensino de literatura, uma vez que um posicionamento tradicional ou técnico "não só afasta o estudante como transforma o ensino do texto literário um estorvo para discentes e docentes" (CRUZ, 2021, p. 124). Além da ruptura do modelo tradicional, o gênero escolhido motivou a turma visto que esses textos "prendem pelo fascínio e pela tensão que instaura por meio do medo, levando o leitor pelas estreitas vielas a percorrer caminhos lúgubres" (PRAXEDES, 2010, p. 13).

No processo de recepção, os alunos comentaram sobre o espaço de mistério no conto "As formigas": "Por ser uma pensão velha, com um aspecto sinistro e com cheiros estranhos, acabaram contribuindo para um ambiente melancólico" (Leitor 3). As respostas desse leitor demonstraram um caráter mais subjetivo, baseado na leitura do conto. Nesse caso, a subjetividade do leitor é "uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor que completa o texto e lhe imprime sua forma singular" (ROUXEL, 2012, p. 278). Por ter sido a primeira experiência de leitura dando destaque para o ritmo de mistério da narrativa, observamos que a maioria se identificou com o suspense, mas ainda não conseguia identificar os trechos que ressaltavam essa técnica no texto de Telles.

No primeiro encontro de leitura mediada do conto "Venha ver o pôr do sol", abrimos uma roda de conversa indagando sobre a questão do suspense, se eles tinham identificado algum elemento de mistério na narrativa. Alguns destacaram o quanto o agressor tinha planejado o crime. Partindo para o segundo momento do processo de leitura, fizemos mais uma vez a leitura compartilhada e em voz alta do conto, tentando reforçar o clima de suspense e angústia da personagem. Ao término da leitura, conversamos sobre o suspense da história e as diversas agressões psicológicas e físicas que Ricardo impôs a Raquel. Alguns comentaram que a história é angustiante e que o final foi surpreendente, bem diferente do título proposto.

Ainda durante esse momento, conversamos sobre a compreensão de alguns aspectos do texto. A ideia de Ricardo, a princípio, parece estranha: ver o pôr do sol em um cemitério! Para a maioria, esse encontro estava relacionado a dois fatos: de Raquel ser comprometida e não poder ser vista, sendo o cemitério

um local discreto, bem como por ser um passeio de graça, pela condição financeira de Ricardo. Ao conversarmos sobre o ciúme do personagem, os leitores concordaram que ele era possessivo e que se tratava de alguém que não aceita o término de uma relação. No processo de identificação das pistas do texto que marcavam essa possessão, apontamos os trechos em que o texto deixava essa possível interpretação: "Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio" (TELLES, 2018, p. 111).

Tais detalhes mostram o quanto as pistas do texto não podem ficar de fora de uma interpretação, pois o processo de preenchimento dos "espaços vazios" do texto deixados pelo autor é um dos caminhos da interpretação literária. De acordo com Eco, "um texto [...] requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor" (ECO, 2011, p. 36). Mas o mais assustador foi constatar que tudo tinha sido planejado de forma premeditada por Ricardo, pois cada detalhe do crime tinha sido pensado bem antes daquela tarde como a "fechadura nova em folha" e a forma como o sol ia se pôr "Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta". Essas pistas do texto confirmam que se trata de um crime premeditado por um homem vingativo.

Após debates sobre a questão da violência contra a mulher e a constatação que o texto tocava nesse tema, finalizamos essa roda de leitura retomando o debate sobre as entrevistas feitas pelos participantes com membros de sua comunidade. Dos oito participantes, cinco alunos cumpriram o roteiro discutido em sala, e fizeram a entrevista com um membro de sua família: mãe, avó e irmã. Das nossas conversas, destacamos os seguintes registros de casos de violência na comunidade. Para o leitor 3, foi descrito um caso de abuso sexual: "Sim, um cara queria abusar de uma mulher, mas não conseguiu.". Para os leitores 4, 5 e 6, houve descrições de violência contra a mulher, reforçando que esse problema está presente naquela comunidade.

Quanto à posição da comunidade sobre a punição dos agressores, destacamos a voz do leitor 4 que reconhece que houve julgamento da vítima, mesmo depois de ter apanhado do agressor: "a família da vítima acolheu ela um pouco mau, falaram que a culpa era só dela por que ela quis morar com ele

mesmo sabendo que ele era agressivo mais ela insistiu" (Leitor 04). Já o leitor 06 descreve que houve solidariedade no caso de agressão contra a mulher. "A vítima foi acolhida pelos policiais e ela foi levada diretamente para a delegacia, o agressor foi visto por todos quando ela pede socorro e foi levado para a delegacia" (Leitor 06).

Todos os entrevistados relataram saber de casos de violência contra mulher no povoado e, na maioria dos casos, as vítimas foram acolhidas pela família. Todavia, em dois casos, relatou-se que houve um julgamento por muitas pessoas na tentativa de culpabilizar a vítima. Assim, dos cinco casos descobertos pelos participantes, em dois, os agressores foram punidos de alguma maneira, em três deles não aconteceu nenhuma punição para o agressor. Em umas das entrevistas que nos chamou a atenção, uma jovem relatou o preconceito que sofreu quando pediu ajuda contra as agressões do companheiro.

> tentei procurar ajuda, mas o agressor sempre me ameaçava de morte se eu falasse para alguém. Mesmo assim tentei falar para minhas cunhadas, mas sempre que falava, falavam que era minha culpa. [...] na rua ele era um amor de pessoa, mas quando chegava em casa era ignorante comigo, aí acontecia tudo, tapas, gritos, uma vez ele pegou uma faca para me matar (Entrevista feita pelo Leitor 7).

O julgamento da vítima de violência contra a mulher como culpada ainda é muito comum em diversas comunidades, reforçando o quanto a escola deve ficar atenta ao debate sobre esse tema para que haja uma punição adequada ao agressor e proteção à vítima. Portanto, a partir da experiência da leitura do "Venha ver o pôr do sol" e das entrevistas produzidas pelos participantes, constatamos que o tema da violência de gênero precisa ser desmistificado como um problema privado, já que se trata de um problema coletivo, pois a "mulher é vítima não só de um agressor, mas de uma prática cultural" (GOMES, 2013, p. 5-6).

Dos três alunos que não fizeram a entrevista, recebemos atividades que se aproximavam do tema. Somente o Leitor 8 não apresentou nada, já estava ausente na fase final dessas atividades. O leitor 2 trouxe uma entrevista com Maria da Penha Maia Fernandes, vítima que denunciou seu agressor e que teve

seu nome homenageado na lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Essa entrevista foi retirada do site do Instituto Maria da Penha. O leitor 1 trouxe uma notícia sobre um caso de violência contra mulher ocorrido em um município vizinho (Novo Triunfo-BA), em que uma jovem de 24 anos foi espancada pelo marido na frente dos três filhos.

Na conclusão das rodas de leitura, observamos que o planejamento e a boa aplicação das estratégias de leitura são fundamentais para alcançarmos os resultados esperados como a questão do gosto pela leitura. Assim, reconhecemos que a escolha do gênero suspense, atrelada ao tema da violência, proporcionou um envolvimento maior dos participantes. Isso fica evidente na voz do leitor 01: "O texto "Venha ver o pôr do sol" é um texto muito interessante, mas também muito triste porque o homem queria tirar a liberdade da mulher". Nessa fala, identificamos a solidariedade do leitor com a vítima. Esse mesmo leitor mostra uma identificação com o tema e sua relevância: "Quando percebemos que uma mulher está sofrendo violência devemos ajudar. Devemos divulgar os direitos que elas têm."

A questão do desfecho do conto de suspense é destacada pelo leitor 03 que gostou mais da leitura do primeiro conto: "O que mais gostei foi "Venha ver o pôr do sol", pela sua trama e desfecho. Caracterizou mais como suspense e mistério o conto "as formigas", pois ele tem elementos que causa um ar de "o que está acontecendo?" "isso é muito estranho". Nessa fala, apesar de ter gostado mais do desfecho do conto que narra a violência, o leitor destaca seu interesse pelo gênero suspense presente em "As formigas", dando mais notoriedade a esse tipo de concepção de texto literário.

Para o leitor 04, o suspense foi o melhor das leituras: "Todos os textos são bons, mas apenas um chamou minha atenção, que tem mais suspense, mistérios, que é "As formigas". Gosto muito de filme de suspense e terror, e o texto das formigas tem, ele tinha duas meninas em uma casa assombrada cheia de formigas." Já o leitor 07 destacou as estratégias usadas pela autora para prender a atenção do leitor: "eu achei mais legal foi o conto da formiga, por ter um pouco de suspense e chama bastante a atenção pela forma de ser contada, dá uma certa tensão pela forma de conta dá para entender tudo etc...". Esse

mesmo gosto se repetiu para o leitor 06 "Eu achei o conto da "As formigas" mais interessante porque tem suspense e que chama muita atenção e também que ela é contada com muita tensão pela forma que eles contam parece ter muito mistério e suspense".

Tais depoimentos, comparando os texto lidos, mostram o quanto o lúdico é importante nas aulas de leitura, pois o prazer pelo estético possibilitou a ampliação para o tema da violência contra a mulher, reforçando a relação entre gosto e formação crítica do leitor, já que "o sentido didático que a literatura deve ter é o de apresentar a realidade atual com seus problemas sociais, políticos, econômicos e culturais, mostrados sob a ótica da imaginação, da crítica e do lúdico, que é próprio da arte" (CRUZ, 2021, p. 137).

No geral, percebemos que a maioria dos alunos se identificou melhor com o conto "As formigas", pelo seu caráter de suspense e mistério. A maioria também se posicionou em relação à violência de gênero, sempre no aspecto de denunciar os fatos e valorização da mulher. Nesse caso, o papel da literatura também foi um momento importante para refletirmos como a leitura pode ser uma grande aliada no respeito aos direitos das mulheres, mostrando que "o papel do letramento literário é bem mais amplo, pois estamos pensando em desenvolver o gosto pela leitura e pela formação crítica desse/a leitor/a para questionar valores da violência estrutural imposta às mulheres" (JESUS; GOMES, 2020, p. 85).

Roteiros de leitura mediados

Em nossas rodas de leitura mediada, propomos estratégias que tanto exploraram as particularidades dos textos lidos como abrimos perspectivas para a manifestação dos participantes como visto na análise dos dados. Nesta parte do artigo, deixamos algumas pistas de como as pistas dos textos foram ganhando visibilidade à medida que as leituras iam se desenvolvendo. Para o conto "As formigas", de Lygia F. Telles, comentamos sua atmosfera sombria, presente na apresentação da casa onde se passou a história: "velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a

mala no chão e apertei o braço da prima. – É sinistro." (TELLES, 2018, p. 145). Nesse trecho, demos destaque à janela vazada, que parecia a visão de um personagem: com olhos tristes que observam a chegada das protagonistas.

Esse estilo misterioso é marcado pela técnica narrativa na qual "o suspense, portanto, consiste na imersão do leitor num estado de ansiedade ou tensão através de situações dramáticas." (PRAXEDES, 2010, p. 13). Tal recurso foi destacado pelos leitores, que se sentiram motivados a continuar a leitura até o final e a criar uma expectativa esperando saber o que aconteceria com as jovens naquele sobrado assombrado. Outra informação importante que se registra na primeira linha do texto é a chegada das personagens *à noite*; durante todo o enredo, os principais fatos sempre acontecem durante a madrugada, evidenciando o tom sombrio e de mistério do conto, suscitando uma atmosfera de susto e provocando medo em alguns trechos.

O aparecimento das formigas também sempre acontece durante as madrugadas, geralmente depois que as duas universitárias já dormiram, deixando em muitos momentos a sensação de que tudo não passa de um sonho/pesadelo de uma das protagonistas. Todavia, esses momentos vão ficando mais tensos, pois à cada noite o esqueleto do anão vai sendo formado pelas formigas. O desfecho do conto é mais assustador ainda, já que acontece justamente quando elas ficam assombradas com possibilidade dessa montagem ser finalizada: "Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui" (TELLES, 2018, p. 150). Antes que o esqueleto seja completado, elas fogem no meio da noite, sem despedidas e sem destino pela madrugada.

Na análise das questões textuais que nos orientam na leitura, demos destaque à cena da fuga, no final do conto:

> Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.
> [...] Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei

> os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japona e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?
> No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra (TELLES, 2018, 150-151).

Neste trecho de "As formigas", percebemos as nuances do terror e mistério que atravessam o conto de suspense de Lygia Fagundes Telles. Esses detalhes textuais foram utilizados no segundo momento de leitura, quando passamos a explorar a ambiguidade que paira no final do conto, reforçando aos participantes que esse tipo de construção demanda um leitor atento. Neste momento, ressaltamos a dualidade entre o sonho/pesadelo e o medo que elas passam a sentir. Essas diferentes perspectivas são ambíguas pelo tom de mistério e não é possível afirmar com certeza se foi um pesadelo ou se realmente o anão estava se formando. O tom de terror vai além da fronteira entre sonho e realidade, pois o "mais intenso cheiro" que vinha do quarto contribui para esse espaço sombrio que é atravessado por um "grito" "miado" do gato e pela sensação de que alguém as espionava da casa "o outro olho era penumbra". Essas pistas são textuais e são provações para os leitores. No final do processo de interpretação mediada, observamos que alguns leitores ficaram na dúvida sobre o final do conto.

Na outra roda de leitura que destacamos neste artigo, ampliamos o conceito de suspense e mistério para a violência sofrida pela protagonista do conto "Venha Ver o pôr do sol", explorando o comportamento abusivo do ex-companheiro, que demonstra a inconformidade de um homem em não aceitar o término de um relacionamento. O conto de Lygia F. Telles nos conduz por meio do suspense e do mistério a uma história com um final surpreendente e chocante, o qual pode ser debatido por várias perspectivas críticas por se tratar de um crime de gênero.

Na primeira fase dessa roda de leitura, ouvimos o quanto o conto de Lygia Fagundes Telles se aproximava de algumas narrativas já vividas pelos participantes. Eles tinham lido o conto e feito entrevistas com familiares sobre

casos de violência contra a mulher. Essa fase espontânea foi muito rica em troca de experiências. No segundo momento, passamos a ressaltar algumas marcas do quanto o crime era planejado a sangue frio por Ricardo. Para essa fase, levamos em conta os protocolos das marcas do texto. Depois da conversa espontânea, passamos a destacar detalhes do texto que deixavam pistas de quanto o protagonista agia como um criminoso, principalmente quando descobrimos que apesar de ser um cemitério abandonado, ele já estivera ali antes e deixou "uma fechadura nova em folha." (TELLES, 2018, p. 117) na porta do jazigo onde prendeu sua ex-namorada.

Tal pista reforçou algumas desconfianças dos participantes. O destaque dessas pistas foi dado pela mediação, reforçando a importância da troca de sentidos entre o texto e as experiências dos envolvidos, pois "o leitor precisa trazer seu repertório social para o espaço da interpretação, seguindo as pistas deixadas no texto para formular uma conjetura de sentidos" (ECO, 2005, p. 75). Ao seguir essas pistas que dão ao conto um tom de mistério, percebemos o quanto a autora denuncia um crime contra a mulher de forma inovadora. O suspense está sobretudo na relação entre o espaço, o cemitério decadente, e as ações das personagens, de maneira a envolver o leitor.

Antes de passarmos para a análise da relação entre o conto de suspense e a violência contra a mulher, fizemos uma introdução sobre questões de gênero, partindo de reflexões atuais sobre a forma como essa violência está sendo questionada pelas leis Lei Maria da Penha (2016) e do Feminicídio (2015). Nessa etapa, a mediação foi preparada com antecedência para que pudéssemos questionar os modelos de desqualificação da mulher, relativizando a culpa do criminoso.

Em "Venha ver o pôr do sol", deparamo-nos com uma história de suspense e terror que nasce da desvalorização de Raquel que termina seu relacionamento com Ricardo que não aceita vê-la feliz ao lado de outro. Ele insinua que ela era interesseira quando destaca seu novo estilo: "Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância. Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete léguas, lembra?" (TELLES, 2018, p. 111). Ricardo, personagem astucioso e dissimulado, convence Raquel a ir a um encontro no ce-

mitério para lhe tecer comentários, insinuando que era mulher pouco confiável. Pelo olhar dele, um homem vingativo, ela sempre foi interesseira e o deixou por causa de dinheiro.

Além do aspecto de suspense vinculado ao título "ver o pôr do sol", a narrativa está impregnada de um tempo sombrio que vai se confundindo com o ambiente desolador de um cemitério abandonado, bem descrito na voz de Ricardo que ironicamente argumenta que nem os enterrados estão mais por ali: "Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram" (TELLES, 2018, p. 112). Essa relação entre o suspense e a violência é muito bem costurado na estrutura do conto, que expõe a personalidade de homem atormentado pelo ciúme e desejo de vingança. Ricardo tem um comportamento abusivo, que "é próprio de homens inconformados com a separação e que consideram o corpo da companheira uma extensão de sua masculinidade" (GOMES, 2019, p. 35).

Pelas pistas do texto, Ricardo é movido por uma vontade de punição, sua perversidade fica presente na frase final entrecortada de ironia e gozo: "Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo" (TELLES, 2018, p. 117). Ele só pensa em castigar Raquel com base em valores morais patriarcais hegemônicos que pregam a punição a fim de readquirir a honra perdida ao ser abandonado.

Na tentativa de questionar esses valores doentios, ainda presente no imaginário social, precisamos optar por uma educação voltada para a valorização do respeito e empoderamento das mulheres. Pensamos em uma educação na qual nossos jovens, meninos e meninas, compartilham saberes em todos os tipos de espaços públicos e privados e possam conviver e dividir desejos e conhecimentos de forma igualitária. Para isso, é preciso planejarmos aulas com uma mediação bem costurada pedagogicamente, respeitando a espontaneidade dos leitores, passando pela análise das pistas do texto e, por fim, atualizando os sentidos da obra nos dias de hoje.

Considerações finais

Nossas rodas de leitura mediadas dos contos de suspense de Lygia Fagundes Telles exploramos experiências espontâneas do leitor, aspectos do texto e a ampliação dos sentidos da interpretação literária a partir das questões locais. Nessas práticas de leitura, também buscamos propor uma dinâmica de envolvimento do leitor com as marcas do suspense e com a violência presentes no final. Do mistério que ronda o conto "As formigas", abrimos a possibilidade para que a construção do esqueleto do anão misterioso também pudesse ser lida como uma ameaça à liberdade das duas universitárias. Portanto, falamos da violência simbólica contra a mulher, presente em normas e padrões que cobram que as mulheres devem ser acompanhadas pelo pai, irmão ou marido. Nesse conto, o fato de o anão ir se formando durante a noite e impondo medo e terror para as estudantes, também podemos acrescentar que está relacionada com o controle da liberdade da mulher. Por isso, as duas jovens correm daquele espaço opressor.

No conto em "Venha ver o pôr do sol", Lygia Fagundes Telles antecipa o debate em torno do feminicídio ao descrever a mente doentia de um perseguidor da ex-companheira, por isso planeja e executa um crime contra ela. Tal intensão fica bem registrada em diversas pistas do texto que passam pela descrição da face do criminoso e pelas informações que se tratava de um crime premeditado como provamos ao ler o texto com os participantes. Nesse conto "o tema do relacionamento entre a realidade e a aparência; a morte cristalizada numa falsa imagem perturba a ordem das coisas, lembrando as histórias de romance policial de suspense" (PRAXEDES, 2010, p. 43).

Esse processo de mediação que envolve professor/aluno foi realizado nas rodas de conversa na leitura de todos os contos, na qual tanto professor, quanto os alunos partilharam suas experiências subjetivas, horizontes de expectativas, características estéticas e discussões críticas sobre os textos lidos. No decorrer do processo, ressaltamos os aspectos do suspense sem esquecer de ampliar o debate sobre as violências de gênero, representadas nas obras lidas.

Tal mediação de tornar as aulas de leitura literária mais atrativas superou o desafio de longas horas de leitura e preparação do material didático, contribuindo de forma efetiva para a formação de novos leitores. Longe de serem perfeitas, as concepções de leitura adotadas nesta pesquisa contribuíram para o planejamento e adequação das rodas de leituras. Da abordagem subjetiva de Annie Rouxiel, passando pela concepção de leitor-modelo de Umberto Eco e pela leitura cultura de Carlos Magno Gomes, encontramos concepções de leitura que podem ser adequadas à realidade do contexto escolar brasileiro.

Destacamos ainda que o processo de mediação foi articulado, sobretudo, pela concepção de Cosson (2020) de leitura compartilhada, metodologia que acabou se tornando uma aliada na realização das oficinas de leitura. A escolha do gênero conto de suspense foi assertiva, pois causou boa recepção entre os jovens leitores. Na finalização das rodas de leitura, houve bom aproveitamento da temática sobre a violência de gênero, ficando evidente nas entrevistas realizadas pelos discentes, pois trouxeram depoimentos que ratificaram a presença dessa violência na comunidade onde a escola funciona. Esses relatos demonstraram para os alunos como os agressores ainda não são punidos devidamente e como as mulheres que são vítimas de violência são culpabilizadas em muitos casos.

A temática da violência contra mulher trabalhada com os jovens, após a leitura dos contos, contribuiu fortemente para que eles visualizassem não só em sua comunidade, mas no mundo onde vivem, que as relações abusivas e a violência contra mulher ainda persistem fortemente. Assim, a seleção dos contos e dos temas atrelada a uma mediação do professor que foi se adaptando às demandas surgidas no processo foi indispensável para a ampliação do horizonte de expectativa dos envolvidos nas rodas de leituras.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017.

COSSON, Rildo. Leitura cumulativa como letramento literário. Revista **Entreletras,** Araguaína, v. 11, n. 2, set./dez. 2020a.

COSSON, Rildo. Literatura Compartilhada: Uma prática de letramento literário. **Revista Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 33. p. 13-29. 2020b.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Formação do leitor na educação infantil: Leiturando as fábulas. **Revista Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 31, jan.-jun., p. 43-57, 2019.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Experiências leitoras de uma leitura literária subjetiva. **Revista Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 35, p. 121-139, 2021.

ECO, Umberto. O leitor modelo. In: **Leitor in fábula**. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 34-49.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GOMES, Carlos Magno. O modelo cultural de leitura. **Nonada**: Letras em Revista, v. 1, n. 18, p. 167-183, 2012.

GOMES, Carlos Magno. Os espectros do feminicídio em Lygia Fagundes Telles. **Revista Araticum**. Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes. v.19, n.1, 2019.

DE JESUS, Joseneide Santos de; GOMES, Carlos Magno Prática de letramento poético de canções femininas. **Pontos de Interrogação Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 10, n. 1, p. 83-103, 2020.

PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade. **Cemitério, formigas e caçada:** leitura com suspense em Lygia Fagundes Telles. – Campina Grande, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

REZENDE, Neide Luzia de. Leitores em diferentes tempos: A recepção do conto felicidade clandestina, de Clarice Lispector. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 35, p. 41-56, 2021.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n.145, p. 272-283, 2012.

ROUXEL, Annie. Ensino da literatura: Experiência estética e formação do leitor. In: ALVES, José Hélder Pinheiro *et al.* (Org.). **Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014.

ROUXEL, Annie. Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 35, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. **Os Contos.** São Paulo: Companhia das Letra, 2018.